

Reflexões de uma antropóloga e mãe: 'O que aprendi com índios sobre educação infantil'

Mônica Vasconcelos

Da BBC Brasil em Londres

10 setembro 2017



"Eu e Martim fomos para a beira do rio, de onde havia saído uma canoa com crianças bem pequenas - quatro, cinco, seis anos - lá para o fundo. (Mas) começou uma ventania muito grande, o rio começou a ondular. De repente, vimos a canoa virar no meio do rio. Não tinha um adulto, ninguém. Subi correndo para avisar os adultos. Quando voltei, já tinha saído uma outra canoa, com outra turma (de crianças), resgatado as outras. Elas nadaram, viraram a canoa e voltaram para a beira. Estava tudo bem. Você vê que domínio sobre esse ambiente? É demais. Foi na aldeia Deia Tuba-Tuba, do povo Yudjá. São conhecidos como exímios navegadores."

A antropóloga brasileira Camila Gauditano de Cerqueira, de 37 anos, teve seu primeiro contato com uma aldeia indígena no Brasil em 1992, aos 12 anos de idade. Sua mãe, a

fotógrafa Rosa Gauditano, especializada em fotografia indígena, levou-a consigo em uma visita à aldeia Xavante Pimentel Barbosa (Mato Grosso).

Hoje, Camila dá consultoria sobre educação ao Instituto Socioambiental (ISA). E em uma viagem de trabalho à terra indígena Xingu, seguindo o exemplo da mãe, levou o filho pequeno, Martim, para visitar três etnias que vivem na região: os Kisêdjê, Ikpeng e Yudja.

Em entrevista à BBC Brasil, Camila compartilha suas reflexões sobre a experiência - e conta as lições que recebeu dos índios sobre educação infantil.

O Parque Indígena do Xingu (PIX) fica no nordeste do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira. Xingu é o nome do rio que atravessa o território, que tem 2.642.003 hectares e onde vivem 16 etnias.

Camila foi ao Xingu para conversar com diretores e professores indígenas que ensinam nas escolas das aldeias visitadas. Enquanto trabalhava, muitas vezes deixava Martim, na época com três anos, brincando com as crianças das tribos.

- **9 coisas que você provavelmente não sabia que foram inventadas ou descobertas por mulheres**
- **Como um pai resgatou suas filhas do Estado Islâmico**



"Ele ficava com as crianças ou com as famílias das crianças. Me sentia confiante. Por um lado, me perguntava, 'onde será que ele está, o que está fazendo?' Aí pensava: 'bem, está com as crianças, então está seguro'. Não fiquei com receio porque são cuidadosos e dominam aquele território."

Camila teve várias provas disso.

O banho

O episódio da canoa virada no rio foi um entre vários momentos em que se deu conta, maravilhada, de que crianças pequenas podem muito mais do que imaginamos.

A relação peculiar com a água é o que permite tanta desenvoltura da criança indígena num ambiente que poderia ser perigoso para as da cidade, explica a antropóloga.

E tudo começa com o banho - algo que ela observou já na primeira aldeia visitada, os Kisêdjê.

"O banho é o momento em que a criança se integra com o ambiente da água. Aprende os limites do próprio corpo, desenvolve suas potencialidades, a pesca, a navegação. O ambiente é preparado pela comunidade para esse fim. Deixam o fundo bem limpinho, tiram o mato da beira do rio, você sabe onde pode ir e onde não pode. Colocam uma estrutura feita com um tronco de madeira onde você pode sentar a criança, ou lavar roupa".

"Crianças menores ficam na beira; as maiores, mais ao fundo; outros mergulham. É uma experiência do coletivo, das brincadeiras. A criança pequena observa o que é possível fazer e realizar nesse lugar, de acordo com suas capacidades, em diferentes fases. Martim ficou encantado".

Mas e os riscos para as crianças?

"Uma coisa é a gente ter contato esporadicamente (com o rio). Outra coisa é o contato diário, duas, três vezes por dia. Você vai se apropriar daqueles desafios, daquele ambiente. Há pouco espaço para perigo".

Meninos caçadores

Na visita aos Kisêdjê, outros episódios chamaram a atenção da antropóloga.

Uma tarde, Martim convidou um grupo de crianças da aldeia para visitar a casa do ISA, onde ele e a mãe estavam hospedados.



"Os meninos foram com seus estilingues", conta Camila. "Aí viram que tinha morceguinho na casa e decidiram caçá-los com o estilingue. Foi a primeira experiência do Martim de ver o bichinho, de ver a habilidade do caçador, desenvolvida desde pequenininho. Deviam ter cinco ou seis anos e conseguiram caçar o morcego."

Birra

Em outra ocasião, na saída do banho, Camila observou um jeito diferente de os pais lidarem com birra de criança.

"Não sei por que motivo, uma criança começou a chorar muito. Os pais estavam saindo do rio, talvez ele quisesse ficar mais tempo na água... Os pais simplesmente saíram andando. A criança foi atrás, chorando".

"Não tem essa bajulação, de ficar em cima, 'o que foi, o que aconteceu? Se você parar de chorar, te dou isso...' Tomaram a atitude de não alimentar a birra. Essa é uma observação muito pessoal, mas acho que o princípio é, quanto menos bola se dá para a birra, mais a criança tem condições de resolver suas próprias frustrações."

Amamentação

Por outro lado, diz a antropóloga, não falta atenção às crianças nas aldeias.

As mães têm total disponibilidade para estar com as crianças. Enquanto são bebês, a mãe não sai para trabalhar na roça. "A família faz esse trabalho por ela", diz Camila. "Às vezes, até o marido tem restrições para ir à roça quando tem bebê pequeno."

Mais tarde, se a mãe vai à roça, tem a ajuda dos parentes. "A criança pequena fica com a tia ou avó."

Ou seja, não há a angústia ou a culpa da separação que aflige tantas mães trabalhadoras nas cidades. Também não há a preocupação com a amamentação - ou com o desmame:

"Já vi criança de três anos sendo amamentada. Lá é livre demanda, quer mamar, mama. Na mãe, na tia, na avó... às vezes, a mãe saiu mas a avó está ali e tem leite. Ela dá. É normal."

A criança tem atenção constante, mas também tem liberdade - se quiser.

"Quando a mãe vai para a roça, a criança, já mais velha, vai com ela. Mas quando a mãe está em casa, na aldeia, as crianças estão no pátio, indo atrás de passarinho, de bichinho,

brincando".

"A partir de três anos, já são bem mais independentes em relação à mãe (do que as da cidade). Elas têm circulação livre na aldeia, mas nunca estão sozinhas. Estão sempre acompanhadas de crianças do mesmo tamanho ou maiores."

"Na nossa sociedade você não tem esse apoio coletivo que existe no convívio de aldeia. Não partilhamos a educação de nossos filhos com a comunidade."

'Beiju e peixe'

Muitos povos indígenas no Brasil hoje incorporam alimentos do homem branco em suas dietas. Comem arroz, feijão, açúcar e farinha. Mas mantêm lavouras tradicionais, como a da mandioca, e praticam a caça, a pesca e a coleta.

Hoje com cinco anos de idade, Martim ainda se lembra das delícias que comeu no Xingu. Questionado pela BBC Brasil sobre o que mais gostou de comer na viagem, ele responde:

"Beiju e peixe. É gostoso", diz. "Um dia a gente vai voltar lá. É muito gostoso e um dia eu quero voltar lá."

Beiju é uma tapioca grande que os índios comem com peixe assado, explica Camila. Na aldeia todos comem juntos. As crianças comem o que tem. E desde cedo aprendem a coletar frutos da época. Também acompanham o adultos na caça e pesca.

"Desde cedo, aprendem a pegar seu peixinho."

Preguiça e brigas

De volta à cidade, Camila diz que se esforça para manter a cultura indígena viva na imaginação do filho.

"Um dia desses, o Martim estava com preguiça de acordar para ir à escola. Então, contei uma história para ele", diz a antropóloga.

"Tem um povo que mora numa aldeia. De manhã, quando esse povo acorda, em geral é muito frio porque o sol ainda não nasceu."

"Geralmente, as crianças também ficam com preguiça. Mas os mais velhos dizem que quem levanta cedo para tomar banho no rio fica saudável, forte e corajoso. Contei para ele como uma motivação. No final, expliquei que esse é o povo Xavante."

E para ensinar Martim a não brigar por besteira, Camila planeja levá-lo à terra Xavante para que ele participe de um ritual especial:

"Na aldeia Xavante, quando as crianças ficam brigando sem motivo, os mais velhos decidem em conselho que é hora de organizar o ritual Oi'Ó. Os índios tiram uma raiz da terra que funciona como instrumento de luta. Tem uma regra para se lutar: você (só pode) acertar seu companheiro de luta do ombro para baixo. A ideia é que as crianças aprendam o que é brigar de verdade, sentir dor de verdade. Lutam em duplas, um de cada clã (há dois clãs no povo Xavante), enfeitados e pintados, e a aldeia inteira assiste."

O povo Xavante é um povo guerreiro, daí o ritual, explica Camila. Ela não vê, no entanto, riscos para Martim.

"Fazem isso desde pequenos, desde os dois aninhos de idade até 14, 15. As duplas são escolhidas de acordo com o tamanho, têm o mesmo biotipo. E essa raiz é forte, mas não vai cortar ou furar. Vai ser importante para o Martim", diz.

Lições

As histórias sugerem, por exemplo, que a criança a partir dos três anos de idade pode ganhar mais autonomia do que costuma ter na nossa sociedade.

Ela diz, no entanto, que não vê sentido em tentarmos transpor, de forma literal, para a nossa cultura, o modelo oferecido pelos povos indígenas.

São sistemas diferentes que respondem a contextos diferentes, explica.

Para quem deseja aprender com o índio, "o ponto de partida é a integração de um povo indígena com o ambiente em que vive". Isso significa integrarmos nossas crianças com o ambiente delas: "O quintal de casa, a terra, as plantas, os parques, as praças, a rua, a comunidade".

"Você não precisa estar numa aldeia indígena para ter uma relação integrada com o seu meio. Pode desligar aparelhos celulares e tablets, ampliar a observação, a escuta, as possibilidades que sua própria realidade traz (para a criança)."

Martim passou 20 dias em convívio intenso com modos de vida tão diferentes dos dele. O que terá ficado, dessa experiência, para um menino tão pequeno?

"Como foi pouco tempo, o aprendizado foi ampliar a percepção da realidade. A relação com a diferença amplia o conceito de mundo. Você descobre que não há uma verdade absoluta, há muitas maneiras de se ser e de se estar no mundo - e essa é nossa maior riqueza."

Tópicos relacionados

Comportamento

Educação

Compartilhar Sobre compartilhar

[Voltar ao topo](#)

Notícias relacionadas

Como uma imagem reacendeu um debate histórico sobre índios e religião

4 setembro 2017

305 etnias e 274 línguas: estudo revela riqueza cultural entre índios no Brasil

3 julho 2016

'Floresta de pé é minha mãe', diz indígena cuja tribo transferiu aldeia para afastar madeireiros

21 junho 2016

Principais notícias

Em vez de remédio contra Aids, fábrica financiada pelo Brasil em Moçambique produzirá analgésico

Trata-se do mais longo projeto de cooperação na África, realizado desde 2003, e mais caro, com custo de R\$ 40 milhões; motivo principal da mudança é que antirretroviral brasileiro ficou ultrapassado.

6 dezembro 2017

Por que o possível reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel pelos EUA é tão polêmico

5 dezembro 2017

Cinco pontos para entender a guerra civil no Iêmen, que já matou quase 10 mil pessoas em dois anos

5 dezembro 2017

PUBLICIDADE

Destaques e Análises



O que nos faz adorar teorias da conspiração, segundo a ciência



Como Hiroshima renasceu das cinzas de um ataque atômico para ser tornar um símbolo da paz



O casal que ganha uma fortuna para viajar pelo mundo - e matar as pessoas de inveja



Por que algumas pessoas conseguem escutar este gif silencioso?